

## AS LINHAS DO PENSAMENTO DOS JOVENS SOBRE O SER JOVEM: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

Shara Jane Holanda Costa Adad<sup>1</sup>

Cristianne Teixeira Carneiro<sup>2</sup>

Kathia Raquel Piauilino Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

Nesse texto, apresentamos o momento filosófico da pesquisa sociopoética sobre “o que é ser jovem” para alunos do curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus, CTBJ/PI. Esses alunos despertaram nossos interesses porque em sua maioria estão com idades entre 15 e 17 anos, migraram de suas pequenas cidades para Bom Jesus a fim de cursarem o Ensino Médio concomitante ao Ensino Técnico de Enfermagem. O objetivo geral da pesquisa: analisar o pensamento dos jovens estudantes do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ por meio da produção de confetos (conceitos+afetos) sobre o tema “o que é ser jovem”. Tendo como objetivos específicos: identificar os confetos sobre o ser jovem; perceber as principais problemáticas vivenciadas por estes jovens sobre o que é ser jovem; identificar outros modos de pensar o ser jovem para além das representações construídas historicamente. A pesquisa foi fundamentada em: Abramo (1994), Bourdieu (1998), Ariès (1986), Bomfim (1996), Levi e Schmitt (1996), Melucci (1998), Schindler (1996), Silveira (2004), Pais (2003), dentre outros. O pensamento do grupo expresso nos confetos e problemáticas apresentou-se em duas linhas. A primeira linha **Jeitos de ser jovem** problematizou o jovem em bando, o jovem nas relações de ficar e/ou namorar, a dimensão do tempo e da liberdade. A segunda linha, **As problemáticas dos Alunos sobre Ser Jovem**, se apresentou em duas dimensões: **Relação dos jovens com os pais e a Relação dos jovens com os estudos**. Esse trabalho possibilitou conhecer e adentrar em parte do universo pretendido, interferindo diretamente nas práticas das pesquisadoras enquanto professoras desta instituição de ensino.

**Palavras-Chave:** Jovens. Colégio Técnico. Sociopoética.

---

Recebido em: 7/6/2013.

<sup>1</sup> Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí. Participa do Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violências nas Escolas e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Cidadania. E-mail: shara\_pi@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela UFPI. Professora do Colégio Técnico de Bom Jesus. E-mail: cristianneteixeira@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela UFPI. Professora do Colégio Técnico de Bom Jesus. E-mail: krpf68@gmail.com

## THOUGHT LINES OF YOUNG PEOPLE ABOUT BE YOUNG: A SOCIAL POETICS SURVEY

### ABSTRACT

In this text, we presented the philosophical moment of the research sociopoética about “that is to be young” for students of the Technical course in Nursing of Bom Jesus’ Technical School, CTBJ/PI. These students woke up our interests because in their majority they are with ages between 15 and 17 years, they migrated of their small cities to study the concomitant Medium Teaching to the Technical Teaching of Nursing. The general objective of the research: to analyze the youths students’ of the Technical Course thought in Nursing of CTBJ through the confetos production (concept+affection) on the theme “that is to be young”. Tends as specific objectives: to identify the confetos on being young; to notice the main problems lived by these youths that is to be young; to identify other manners of thinking being young for besides the representations built historically. The research was based in: Abramo (1994), Bourdieu (1998), Ariès (1986), Bomfim (1996), Levi and Schmitt (1996), Melucci (1998), Schindler (1996), Silveira (2004), Parents (2003), and others. The thought of the expressed group in the confetos and problems came in two lines. The first line Ways of being young problematized the youth in group, the youth in the relationships of being and/or to date, the dimension of the time and of the freedom. The second line, The problems of the Students on being Young, it came in two dimensions: The youths’ relationship with the parents and the youths’ Relationship with the studies. This work made possible to know and to penetrate partly of the intended universe, interfering directly in the researchers’ practices while teachers of this teaching institution.

**KeyWords:** Young. Technical school. Sociopoética.

### 1 Introdução

Nesse texto, apresentamos o momento filosófico da pesquisa sociopoética sobre “o que é ser jovem” para alunos do curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus, CTBJ/PI. O desejo de realizar este trabalho surgiu a partir das nossas experiências como professoras do referido Colégio Técnico. Esses alunos despertaram nosso interesse porque em sua maioria estão com idades entre 15 e 17 anos, migraram de suas cidades em busca de um ensino de melhor qualidade, ou seja, moram distante dos “olhos” dos pais e cursam o Ensino Médio concomitante ao Ensino Técnico em Enfermagem. Dessa forma, a relevância dessa investigação está, em especial, na possibilidade de nos aproximarmos desses jovens e ouvi-los

de outro modo, considerando-os como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de efetuar uma relação dialógica com outros autores e de contribuir para ampliar os conhecimentos sobre a temática das juventudes. As questões norteadoras que ocuparam nossas reflexões foram: O que os jovens do curso Técnico em Enfermagem pensam sobre o que é ser jovem? Quais as principais problemáticas vivenciadas por estes jovens sobre o que é ser jovem? Como esses jovens pensam outros modos de ser jovem para além das representações construídas historicamente?

Na Sociopoética, a pesquisa é realizada em grupo e por meio de oficinas que utilizam dimensões da arte como dispositivos que causam estranhamento, o que torna possível a produção de conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e mesmo inusitados sobre um tema gerador. Para compor o grupo-pesquisador, apresentamos a proposta à diretora da escola, contando com seu apoio, e fomos às duas turmas do referido curso, explicamos aos alunos a pesquisa de forma clara e objetiva e formamos um grupo com os alunos interessados.

Para a produção de dados, realizamos duas técnicas sociopoéticas: Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem. Iniciada a primeira, a música adentrou a sala e as brincadeiras começaram, colocando os corpos dos jovens em movimento e os preparando para um relaxamento. Durante o relaxamento, pedimos para que os jovens fechassem os olhos, respirassem profundamente e gradativamente fomos solicitando que sentissem cada parte do corpo, até prepará-los para uma viagem onde os mesmos se transformariam em bichos jovens. Durante o trajeto, os bichos jovens passaram por obstáculos, encontraram aliados, subiram montanhas e alguns questionamentos foram sendo feitos, dentre eles: como você se sente sendo um bicho jovem? Que dificuldades o bicho jovem enfrenta? Como é seu aliado? Quais as reações dele? O que ele pensa sobre bicho ser jovem? Ao retornarem do relaxamento, os jovens pintaram suas respectivas viagens usando papéis, pincéis, tinta e muita imaginação e esculpiram com massa de modelar o bicho jovem no qual haviam se transformado, e em seguida fizeram seus relatos orais.

Na segunda oficina, após o almoço, movidas por nossas intuições de pesquisadoras, nos ocorreu a ideia de acordá-los como se nós todos fôssemos bichos jovens. Desse modo, com as mãos e joelhos apoiados no chão, com andar que lembrava um lobo, nos aproximamos dos alunos que estavam deitados nos colchonetes e começa-

mos a uivar bem alto. Alternadamente, com andar que lembrava um gato, começamos a miar. Os jovens foram surpreendidos, no entanto, alguns fizeram uma entrega desprovida de inibições e começaram a imitar expressões de bichos enfurecidos, enquanto isso, na face daqueles cujos corpos responderam ao estranhamento de uma forma diferente, o medo aparecia e as expressões imitadas e reais passaram a se confundir. Os mais afoitos começaram a rolar, rastejar, correr, passamos a ouvir grunhidos, latidos, mugidos e cacarejos por todos os lados. Era um passeio de timbres aparentemente alucinados pelo reino dos bichos jovens. Posteriormente, outras brincadeiras envolvendo a percepção dos alunos foram feitas e quando mencionei que era hora do relaxamento, automaticamente os alunos deitaram-se nos colchonetes e fecharam os olhos, estavam dispostos a mais uma entrega, mais uma viagem, seria o início da Técnica Corpo Coletivo Jovem.

Durante o relaxamento, os alunos fizeram uma nova viagem imaginária, dessa vez uma viagem pelo próprio corpo, na qual sentiam cada parte do mesmo, até o momento em que pedimos para que escolhessem uma dessas partes e então alguns questionamentos foram feitos, dentre eles: Essa parte do seu corpo tem dificuldades? Quais dificuldades? Como essa parte do corpo faz para superar essas dificuldades? O que se passa entre você e a parte do corpo que você escolheu? Quais são os desejos dessa parte do seu corpo?

Ao final do relaxamento, os jovens esculpiram a parte do corpo na qual haviam pensado utilizando jornais, cola, pincéis e tinta guache. Em seguida, fizeram seus relatos orais. Os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador a partir das duas técnicas realizadas foram: **pássaro-borboletas jovens, pássaro jovem, pássaros jovens em bando, corpo jovem duas bocas e três corações, coração jovem, jovens tartaruga, jovem tigresa, borboleta jovem, buraco jovem, pássaro jovem língua de fogo.**

Chegado o momento filosófico, que ora apresentamos, dedicamo-nos a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador com reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes. O que estamos chamando de “filosofia” não pode ser associado nem à reflexão, nem à contemplação, nem à comunicação:

Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja. [...] E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o consenso e não o conceito. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 14).

Os autores supracitados afirmam ainda que não podemos conhecer nada por conceitos que não tenham sido criados por nós mesmos. Essa é a tarefa da filosofia: criar conceitos. O conceito tem sempre a verdade que lhe é possível em função das condições de sua criação, portanto, não se pode afirmar que haja um conceito melhor do que outro.

Foi com base nessa perspectiva que Gauthier (2004) desenvolveu a noção de “confeto” (conceito-afeto) na Sociopoética. Por meio dos dispositivos (técnicas artísticas), o grupo-pesquisador inventa novos conceitos e produz também metáforas. Essas, apesar de não se tratar propriamente de um conceito, promovem uma tensão produtiva num mundo que se apresenta pacífico e desproblematizado. Com base nas experiências práticas, observa-se que os grupos, por meio dos confetos, realizam deslocamentos no pensamento, em direção a novas possibilidades de criação. Além disso, o confeto envolve elementos poéticos e artísticos que fazem com que a Sociopoética se situe no entre-dois do saber e do sentir (SILVEIRA, 2004, p. 146). Com isso, aquilo que estava cristalizado começa a se tornar movimento. Desse modo, nesta pesquisa, os confetos surgiram de momentos de problematização e de criação em torno do tema “o que é ser jovem” para jovens estudantes do CABJ. Seu pensamento apresentou-se em duas linhas ou dimensões: **Jeitos de Ser Jovem e Problemáticas sobre Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ.**

Na primeira linha da pesquisa, inicialmente, eles se debruçaram na contra-análise sobre o confeto **pássaro-borboletas jovens que são jovens de asas coloridas, com olhos grandes que podem ou não estar prontos para voar e tudo ver**, sobre o qual problematizaram:

*Eu acho que sim, os jovens estão mais que prontos para voar e tudo ver. (PEACE)*

*A gente não está pronto para voar, eu diria que estamos a caminho. (CHRIS ROCK BLUE)*

*Digamos que estamos pegando o voo (risos). (AÇUCE-NINHA)*

*É porque a gente ainda está começando, depois a gente pega o voo. (risos). (TRAPINHO)*

Interessante observar, nestas falas, modos diferentes de pensar o ser jovem **pássaro-borboletas**, pois alguns afirmam estarem pron-

tos, outros não se consideram prontos, mas a caminho, e há aqueles que estão ainda começando e só depois pegam o voo. Exceto pela fala de Peace, de que os jovens estão mais que prontos para voar e tudo ver, percebemos nos outros enunciados a presença de representações instituídas historicamente sobre os jovens, de que devido a sua idade ou pela noção de ser em desenvolvimento podem viver fora da vida produtiva e social, com o intuito de preparar-se para o futuro e esperar um tempo para ser adulto, numa espécie de “moratória social” (ABRAMO, 1994; LEVI; SCHMITT, 1996). Isso nos chamou atenção porque esses jovens do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ estão com idades entre 15 e 17 anos, estão fazendo um curso técnico profissionalizante e em sua maioria morando em outra cidade, longe de seus pais. Nesse contexto, poderíamos pensar que esses jovens não passaram por uma moratória social? Se não passaram e já adentraram à vida produtiva e social, por que nem todos se consideram prontos para voar e tudo ver? Por que alguns disseram estar a caminho desse momento? Nesse sentido, para esses jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ, quando essa moratória social termina?

Para problematizar esta dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, o grupo-pesquisador criou ainda o confeto **pássaro-jovem**, que é aquele jovem bem diferente, desmanchando-se num fluxo fluido marcado por um corpo em transformação. Quando questionados na contra-análise sobre: em que situações o **pássaro-jovem** desmancha-se e torna-se outra pessoa? Os jovens disseram:

*Acho que é quando você casa. (JUKINHA)  
A partir do momento que você sai da casa dos seus pais pra morar fora, você vai ter que virar um adulto de qualquer forma [...]. (AÇUCENINHA)  
Quando você vai para o estágio você também tem que ser um adulto, quando você veio de outra escola para o CTBJ, você se tornou um adulto, porque é mais responsabilidade. Nós somos jovens com responsabilidade de adulto. (PEACE)*

Para esses jovens, os ritos de passagem para o mundo adulto são: casamento, saída da casa dos pais, a vinda de outra escola para o CTBJ e o início dos estágios do Curso Técnico em Enfermagem, demonstrando que a juventude não é um momento fixo e bem de-

marcado. Posto que muitos desses jovens já passaram por alguns desses ritos, eles mostraram que em seus modos de existir, muitas vezes passam por um **Jeito de ser Jovem Adulto**, ou seja, não há um único jeito de ser jovem e nem de se tornar adulto. Ao dizerem, por exemplo: *Nós somos jovens com responsabilidade de adulto*, de certo modo, eles avaliam que aquilo que fazem é diferente do que o jovem considerado padrão pela sociedade faz.

Em lugar da expressão ritos de passagem, talvez fosse mais apropriado dizer ritos de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição e:

[...] falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário*, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço, como no caso da divisão entre sexos por ocasião dos rituais de casamento. Ao marcar solenemente a passagem de uma linha que instaura uma divisão fundamental da ordem social, o rito chama a atenção do observador para a passagem (daí a expressão rito de passagem) quando, na verdade, o que importa é a linha. A rigor, o que esta linha separa? Um antes e um depois, é claro: o menino circuncidado e o menino não circuncidado [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 98).

Assim como Bourdieu (1996), a copesquisadora Peace problematizou o fato de o rito chamar a atenção do observador para a passagem e não para a linha, ao dizer que:

[...] ninguém leva jovem a sério, todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se a gente hoje não fosse nada, ou é a criança ou é adulto, e entre isso e outro, ninguém compreende.

De acordo com Bourdieu (1996, p. 100):

A instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou estigma (“você não passa por um...”), é a imposição de um nome, isto é, de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é

o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. Neste caso, o indicativo é um imperativo. A moral da honra constitui uma forma apurada da fórmula que consiste em dizer “é um homem”. Instituir, dar uma definição social, uma identidade, é também impor limites [...].

Nesse caso, quando a copesquisadora Peace afirmou que *todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se o jovem não fosse nada*, ela nos fez pensar sobre o seguinte questionamento: estar na linha significaria não ter uma identidade? Jovem não tem identidade? A copesquisadora Peace também problematizou essa ideia ao dizer em outro momento da contra-análise:

*Acho que todo jovem está à procura da identidade, até achar, a gente vai pegando um pouquinho de um, um pouco de outro, até achar o que você realmente gosta, o que você realmente é.*

Segundo Bomfim (2006, p. 66), “[...] os jovens buscam estabelecer sua identidade, ou seja, uma forma própria de comunicar-se consigo mesmo, com os outros e com o mundo, a partir de novas formas de sociabilidade”. De acordo com Melucci (1992), o tema da identidade aparece como importante porque esta fase, ao ser caracterizada como de transição, pois nela se gesta um vir-a-ser, é, ao mesmo tempo, uma construção do presente, enquanto superação da infância, e em saída da infância. A busca da idade adulta remete para o jovem, quer individualmente ou em grupo, a questão do autorreconhecimento e de ser reconhecido. Assim, a identidade, individual ou coletiva, sempre pressupõe a dimensão da alteridade, ao ser uma categoria social e relacional.

Nesse contexto, Sposito (1996, p. 99) afirma que:

Se a questão da identidade é fundamental para a compreensão desse momento da vida humana, tendemos, no entanto, a considerá-la, no caso do jovem, a partir de estereótipos, quase sempre nascidos pela elaboração de uma imagem originada na mídia [...]. Ao nos referirmos ao universo juvenil, em geral, sem recortá-lo sob a ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens con-

sumistas ou alienados. Se recuperarmos a extração de classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais.

Também é interessante observar o quanto o modelo instituído de jovem – aquele que vive a moratória social e é separado do mundo adulto, atomizado – perpassa o imaginário do grupo, inclusive denotando fragmentação nesses rituais, de modo que não há um único ritual para o mundo adulto. Entretanto, nem sempre foi assim, Schindler (1996), por exemplo, comenta que no início da era moderna os ritos de passagem eram bem definidos e os jovens e sua “rebeldia” tinham um lugar nesta sociedade, na verdade, ela já era esperada. Só depois é que há uma atomização do jovem – moratória social – quando eles passam a ser separados do mundo, para só depois serem soltos.

Inclusive, para que fosse constituída e demarcada a infância e adolescência como um momento destacado do mundo adulto, foram inventados os espaços da escola e da família. Segundo Ariès (1986, p. 11), “[...] a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, por meio do contato com eles”. Ariès (1986, p. 12) afirma ainda que:

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela.

Outra dimensão interessante dos Jeitos de Ser jovem trazida pelos copesquisadores está no confeto **pássaros jovens em bando, que são os jovens que andam em bando, misturados, não se sabe quem é quem, nada é pouco, tudo é excesso** que na contra-análise foi discutido mediante a seguinte questão: O que pode **pássaros jovens em bando**? Os jovens responderam:

*Tem uns que dão ideia de bagunçar mesmo, bagunçar na aula. Por exemplo, tem um grupinho de amigos, um bando que não gosta de certo professor, aí diz: quando for a aula de fulano, nós vamos largar o pau conversando,*

*aí começa a bagunçar. Já tem uns que não, que são mais calmos, aí diz: vamos lá em casa assistir filme, fazer esse tipo de programa [...]. E jovem tem mais força quando está num bando, com certeza dá mais coragem, às vezes nem quer fazer aquilo, aí vem um e diz: vamos mulher, vai ser bom! Raramente o jovem está sozinho, só anda em bando mesmo (risos). (FELICIDADE)*

*E um bando nunca se junta pra ficar triste, um bando sempre se junta pra ficar mais alegre, pra esquecer tudo, pra zoar, ir na festa, você nunca vê um grupo ali chorando. (PEACE)*

*Se junta nem que seja pra falar besteira (risos). (FELICIDADE)*

Nos depoimentos, percebemos **Jeitos de Ser Jovem em bando**, pois os copesquisadores demonstram que raramente estão sozinhos. No entanto, os bandos mostrados pelos copesquisadores são diferentes, tem aquele bando que pode se juntar para bagunçar mesmo, bagunçar na aula, mas tem os mais calmos, que se juntam para assistir filme ou até para falar besteira. Eles afirmam que um bando nunca se junta para ficar triste, sempre se junta para ficar mais alegre, para esquecer tudo, para zoar, ir à festa.

De acordo com Bomfim (2006, p. 66), os jovens “[...] não querem ficar sozinhos e por isso buscam agregar-se a outros jovens, não em formas gregárias tradicionais em que há presença de tutores, mas em grupos nos quais eles e elas são os(as) protagonistas”.

Os copesquisadores também demonstram que o **Jeito de Ser Jovem em bando** é potente, pois o jovem *tem mais força quando está num bando, porque dá mais coragem*. Além disso, não se vê um grupo chorando, nem falando de problemas, porque para eles o problema é íntimo e os jovens não confiam em todos do bando, somente em alguns, os amigos de verdade são poucos. Nesse contexto, os copesquisadores levantam a ideia de grupo, das sociabilidades presentes nas amizades, nas festas, no excesso.

De acordo com Dubet e Lapeyronne (1992 *apud* SPOSITO, 1996, p. 100):

*É preciso considerar que o momento da juventude é rico em manifestação da sociabilidade, sendo as dimensões expressivas muito mais fortes do que as orientações de caráter instrumental. Ou seja, as formas coletivas e grupais que surgem, às vezes de modo fluido e fragmentário,*

tendem a incidir muito mais para a manifestação de um desejo de ser, daí a sua natureza expressiva, do que para a lógica racional-instrumental voltada para a consecução de algum fim imediato.

Segundo Sposito (1996, p. 100), “[...] não ocorre, por acaso, o fato de que o mundo da produção cultural e das artes, em especial, a música, a poesia, o teatro e a dança, ocupam grande parte do universo de interesse juvenil”.

O grupo pesquisador também problematizou de modo heterogêneo os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar no confeto **corpo jovem duas bocas e três corações**. Ao serem indagados sobre: o corpo jovem é volúvel? Ele fica com muitas pessoas ao mesmo tempo? Os jovens responderam:

*Ficar de namorar, se achar! (risos) Tem algumas que sim, tem outras que não, tem umas que só sai da festa se pegar cinco ou seis pra sair falando pras amigas, tem umas que nem fica. (risos), (FELICIDADE)*

*Eu acho que vai de cada pessoa, tem gente que vai namorar e fica só com uma pessoa, mas tem outras que não, fica com um hoje, outro amanhã. (LAURA)*

*Ao mesmo tempo eu acho que o jovem não pode ficar com mais de um, porque se não fica bagunçado. Não existe regra pra ficar com alguém. (FELICIDADE)*

De acordo com os copesquisadores, tem jovem que só sai da festa se ficar com cinco ou seis para sair falando para as amigas, tem outras que não e tem umas que nem ficam, mas vai de cada pessoa, tem gente que vai namorar e fica só com uma pessoa, mas tem outras que ficam com um hoje, outro amanhã e embora a copesquisadora Felicidade tenha dito que acha que o jovem não pode ficar com mais de um, porque fica bagunçado, a mesma relatou que não existe regra para ficar com alguém.

Com isso, identifiquei que existe uma fluidez das relações entre esses jovens, a qual segundo Pais (2012, p. 38),

*[...] como voos de borboletas sem pouso certo, é uma das principais características nas aproximações guiadas por um instinto sexual. A sexualidade tende a transformar-se num domínio de coleção de experiências,*

terreno de circulação errante dos afetos, de “relações soltas” que podem ou não implicar um compromisso, uma vez que as práticas afetivo-sexuais que as caracterizam não se subordinam, necessariamente, a imperativos de estabilidade.

Sobre isto, Bauman (*apud* COSTA, 2009, p. 66) também argumenta:

[...] parece que as pessoas andam atrás de relacionamentos de bolso, úteis e descartáveis. Daquele tipo que dá o máximo de prazer instantâneo e termina num clique. No cenário líquido da vida, o “relacionar-se” está sendo substituído pelo “conectar-se”. Relações virtuais permitem entrar e sair delas com o mínimo de complicações, parecem limpas, inteligentes, fáceis de usar e de encerrar, basta apertar a tecla “deletar”. Aparentemente ganham muito na comparação com relacionamentos “autênticos”, lentos, pesados, confusos.

Os copesquisadores ampliaram a discussão sobre os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e ou namorar, ainda no confeto **corpo jovem duas bocas e três corações**, diante dos seguintes questionamentos feitos no momento da contra-análise: Um jovem pode beijar todo mundo? Como o jovem escolhe alguém para beijar? Existem critérios para selecionar uma pessoa para beijar? Sobre isto disseram:

*Primeiro você vai pela aparência, depois pela conversa.* (JUKINHA)

*Acho que a aparência e a conversa não bastam, tem que ter algo mais pra te interessar, não vai sair beijando todo mundo.* (TRAPINHO)

*Tem a afinidade também.* (LAURA)

*Eu vou primeiro pela convivência. Se eu for pra uma festa, eu chego lá e converso e chamo pra dançar. Não é a mais bonita, é a que eu gostei mais, se tiver uma mais bonita, mas eu achar outra mais parecida comigo, eu vou ficar com a mais parecida com meu jeito (risos).* (CHRIS ROCK BLUE)

De acordo com os relatos, para selecionar uma pessoa para beijar, alguns dos copesquisadores levam em consideração primeiro a aparência, depois a conversa, entretanto, outros jovens consideram

a aparência e a conversa como critérios insuficientes para selecionar uma pessoa para beijar, nesse caso, levam em consideração algo a mais, como a afinidade e a convivência. Nessa discussão, é interessante destacar as ideias trazidas pelas copesquisadoras Açuceninha, Laura e Jukinha pois elas afirmam que *quando é na festa, não tem como conversar muito, a pessoa só fica porque geralmente o tempo é curto*, e durante a conquista, essas jovens demonstram serem participativas ao relatarem que *se a gente olhar assim, aí aquela que tiver maior afinidade, aquela troca de olhar elas ficam e a mulher para seduzir o homem, fica mexendo na franja, arrumando o cabelo, olhando, encarando*.

Nesse contexto, essas jovens demonstram um **Jeito de Ser Jovem feminino** diferenciado do que era habitual em tempos passados. Sobre isso, Pais afirma:

Com efeito, uma das transformações mais significativas entre a geração atual dos jovens e as gerações que a precederam aponta para o mais visível protagonismo das raparigas nos jogos de sedução. Elas são vistas como mais “atiradiças”. Os pretendentes passaram também à condição de pretendidos. Submetidas a um papel de passividade, as jovens foram assumindo uma outra atitude em relação ao namoro e às conquistas amorosas. Aliás, outrora, os relacionamentos eram marcados por uma ética de compromisso, fidelidade, responsabilidade. A mulher era a face visível desse doutrinado recato. A transgressão era valorizada como atributo da identidade masculina. Hoje, as raparigas saem “fora da casca”, mesmo no porte corporal descascam-se, exibem os seus dotes físicos, tentam por todos os meios impressionar os rapazes. (2012, p. 37).

O autor supracitado afirma ainda que entre os jovens de hoje, as relações amorosas tendem a ser vistas como encontros fortuitos e não tanto como produto de aturadas negociações ou ardilosas conquistas. Alguns resfriam envolvimento afetivos cuja ruptura possa deixar marcas de desgaste sentimental. Às vezes até parece que se norteiam por uma filosofia do “nada é tudo”. O tudo pode ser, simplesmente, o “curtir” ou o “andar com alguém”, sem grandes compromissos.

De acordo com Bauman (*apud* COSTA, 2009, p. 66) aparentemente essas relações amorosas

[...] ganham muito na comparação com relacionamentos “autênticos”, lentos, pesados, confusos. Contudo, parece que homens e mulheres conectados não estão sendo mais felizes do que seus predecessores. Relacionamentos flexíveis estão gerando graus de insegurança sempre maiores, e constantes práticas descartáveis de relacionamento estão desabilitando as pessoas à manutenção de laços de longo prazo.

Os copesquisadores também problematizaram os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar quando produziram o confeito **coração jovem** que é o jovem que para superar as dificuldades escuta. Diante da pergunta: Mas o **coração jovem** escuta a quem? Os jovens relataram:

*Pergunto para uma amiga minha, aí ela vai falar se gostou. Quando falo com minha mãe, ela fala: tenho que conhecer ele e a família. Depois ela diz: eu não gostei disso nele, eu conversei com ele, agora se eu gostar realmente dele, eu continuo com ele. (FELICIDADE)*

*Se a pessoa realmente gostar, não vai ter nem amigo e nem pai que impeça, é você que decide. (AÇUCENINHA)*

*Até porque a gente é jovem, mas a gente não é uma coisa dispersa, a gente tem que ter sentimento, a gente tem que ter namorado, a gente tem que ter decisões erradas pra aprender também. (PEACE)*

Embora tenham dúvidas sobre os namoros e perguntem para os pais ou amigos, esses jovens afirmaram autonomia ao tomar suas próprias decisões. Segundo Pais (2012, p. 36),

Há entre os jovens um sentimento crescente da sua capacidade de decisão relativamente às opções que tomam nos relacionamentos afetivos e amorosos. Eles acham que é sua a decisão sobre com quem andam ou venham a casar. O mesmo se pode dizer quanto às decisões em relação ao aborto ou às inclinações sexuais. O individualismo modelou a intimidade no mundo contemporâneo, alargando o campo das opções. Se numa época de repressão da sexualidade o problema era o dos limites que inibiam a expressividade sexual, noutra época relativamente liberta de constrangimentos, a preocupação, como muitos pais reconhecem, é a dos limites que impeçam a banalização da sexualidade, subtraindo-a das suas componentes afetivas.

O grupo pesquisador também problematizou essa linha de outro modo, ao mostrar **Jeitos de Ser Jovem** fazendo relações com o tempo, quando produziram os confetos **jovens tartaruga**, que são *aqueles jovens que agem esperando o tempo sem ansiedade*, e **jovem tigresa**, que *corre feito gato, o tempo nunca é suficiente e nem eficiente*. E quando questionados: É o jovem que faz a hora? Ou a hora já vem marcada? Qual o tamanho da liberdade do jovem? Os copesquisadores disseram:

É o jovem que faz a hora. (JUKINHA)

*Depende, na escola você tem que acordar 6h, fazer o café da manhã, se você atrasar 2 minutos você perde o ônibus (risos). (JUKINHA)*

*Agora quando o jovem marca um programa assim, é ele que marca a hora, depende do compromisso, no final de semana ele faz a hora. (AÇUCENINHA)*

*Acho que o jovem pode dividir seu tempo, mas escolher a hora de tudo, não! (PEACE)*

Nesses relatos, os copesquisadores mostraram um **Jeito de Ser Jovem** problematizando o tempo e a liberdade. Em relação ao tempo, os copesquisadores disseram que o jovem não faz a hora, depende do compromisso e mesmo que a copesquisadora Jukinha tenha dito inicialmente que o jovem faz a hora, a mesma retomou seu relato afirmando que depende também da escola, porque precisam acordar às 6h, fazer o café da manhã; se atrasar dois minutos o jovem perde o ônibus. Para eles, o jovem faz a hora no final de semana e podem dividir seu tempo, mas escolher a hora de tudo não. Evidenciei, nesse momento, o quanto a rotina desses jovens está relacionada à escola, uma vez que fazem o Ensino Médio pela manhã, o Técnico em Enfermagem à tarde e muitas vezes ainda precisam frequentar os estágios do curso mencionado à noite.

Nesse contexto, nos lembramos dos versos: “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer” da música “Pra não dizer que não falei das flores”, composta e interpretada por Geraldo Vandré, que ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção, de 1968 e, depois disso, teve sua execução proibida durante anos, pela ditadura militar brasileira. A canção que incitava o povo à resistência levou os militares a proibi-la,



usando como pretexto a “ofensa” à instituição contida nos versos “Há soldados armados, amados ou não / Quase todos perdidos de armas na mão / Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição / de morrer pela pátria e viver sem razão”. Não seria controverso em um tempo de democracia, a escola fazer o tempo dos jovens? Essa também não seria uma forma da escola vigiar os jovens?

Atravessando a problemática do tempo os jovens falam da liberdade ao dizerem que não sabem o tamanho da mesma e que depende dos pais de cada um. Para a copesquisadora Jukinha, tem muitos jovens que querem morar sozinhos, porque não aguentam mais morar com os pais, querem ser livres, mas para ela é bom morar com os pais, porque quando o jovem vai morar sozinho, além de ter hora para acordar no final de semana, tem que ir ao supermercado, varrer a casa, lavar louças, lavar roupa. No entanto, a copesquisadora Felicidade disse que mora com os pais e também precisa fazer tudo isso. Por sua vez, a copesquisadora Jukinha argumentou que quando o jovem mora com seus pais, se acontecer alguma coisa, ele sabe que os pais vão fazer por ele, no caso dela não tem isso, ela precisa fazer. Desse modo, ao contrário de muitos jovens que pensam que serão mais livres ao saírem de casa, a copesquisadora Jukinha mostrou um **Jeito de Ser Jovem** livre diferente do que costuma ser habitual, para ela, a liberdade seria maior se estivesse em casa, pois o que ela não fizesse, seus pais fariam por ela. A copesquisadora Elena, que mora com os pais, revelou ainda que a vida está boa e gosta da liberdade restrita.

O copesquisador Chris Rock Blue problematizou ainda mais essa discussão ao dizer

*Ninguém é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras, ninguém tem toda liberdade de fazer o que quer [...] (CHRIS ROCK BLUE)*

Desse modo, o grupo-pesquisador mostrou um **Jeito de Ser Jovem** que não é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras, sempre tem alguma regra a ser seguida. Peace acha que sempre haverá a lei e a ética, e dá um exemplo: *o jovem não vai sair com um carro a 200 km/h numa rua*. Felicidade complementa esse pensamento ao dizer que não é porque a pessoa é livre para fazer aquilo, que ela vai fazer. Às vezes, o jovem tem a liberdade para fazer aquilo, mas

não faz porque sabe que é errado e considera ainda que liberdade para fazer aquilo, ela tem. Nesse caso, o pensamento de Felicidade é diferente do pensamento de Laura, que afirma que sempre haverá horário para tudo, independentemente do que for fazer; então, o jovem nunca será livre. Nessa discussão, notamos que esses jovens reconhecem a existência de regras na sociedade e não sentem o desejo de transgredi-las, porque sabem que é errado.

Os copesquisadores ampliaram essa discussão questionando o “seguir as regras” e a relação com a liberdade, quando criaram o confeto **borboleta jovem**, *que é o jovem livre para voar, porque tem mais liberdade. No caso da borboleta jovem a liberdade é boa porque as dificuldades buraco jovem são aquelas em que o jovem vive sob pressão, sob mandados, e isto, para quem está começando a vida, não é fácil*. Diante da pergunta: Que pessoas ou situações podem exercer pressão a um jovem, a ponto de impedir sua liberdade? O grupo respondeu:

*As regras da escola e em parte os pais. Toda escola acho que pressiona, porque tem aquela preocupação: o aluno tem que tirar nota boa, o aluno tem que se comportar, não pode responder aos professores, tem que assistir a todas as aulas e em parte os pais por impor limites. (JUKINHA)*

Conforme o relato, a copesquisadora Jukinha revela que as regras da escola exercem pressão a um jovem, porque o aluno tem que tirar nota boa, comportar-se, não pode responder aos professores, deve assistir a todas as aulas. Nesse caso, haveria uma tentativa da escola e dos pais em criar um **Jeito de Ser Jovem** docilizado? E nesse contexto, esses jovens estariam docilizados? Pensamos que por sua vez, os **confetos borboleta jovem** e **buraco jovem** denunciam um corpo desejoso de ser livre e autônomo frente a uma vida que não é fácil por estar sempre à mercê de ordens vindas de todas as instâncias, devido estar começando envolvido em mandados de todo ordem.

A segunda linha da pesquisa trata das **Problemáticas dos Jovens**, na qual os jovens problematizaram principalmente a **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos e a Relação dos Jovens com os Estudos**.

Na discussão da **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, os copesquisadores criaram o confeto **Pássaro jovem língua de fogo**, *o qual é o jovem que solta faíscas, quem nele toca a brasa quei-*

ma, seu corpo brinca com fogo, corre riscos. Sobre como lidar com **pássaro jovem língua de fogo**, os copesquisadores disseram:

*Depende mais da confiança dos pais, porque se o pai confia no filho, ele não vai ter necessidade de ser rebelde. Agora se o pai prende o filho, se ele não deixa ele sair, com certeza o filho vai ser rebelde. Pra lidar com o filho rebelde, eu acho que os pais deveriam depositar mais confiança nos filhos. (LAURA)*

*Mas também os filhos tem que fazer por onde os pais depositarem essa confiança, porque tem uns que querem ter confiança, mas não fazem por onde ter. (FELICIDADE)*

*Geralmente são esses filhos que não merecem a confiança dos pais que são os rebeldes. Os jovens levam muito a fama de rebeldes por causa de poucos, não são todos que são. (CHRIS ROCK BLUE)*

*É porque jovem tem aquela fama. É tudo o jovem que faz, tudo é o jovem que tem culpa. (FELICIDADE)*

Desse modo, os copesquisadores levantaram a importância da confiança para que os pais possam lidar com os jovens “rebeldes”. Além disso, trouxeram à tona a ideia de que a rebeldia não é uma característica de todos os jovens, trata-se de “fama”, ou seja, uma ideia cristalizada que foi construída historicamente e que permanece até os dias atuais em grande parte da sociedade. Sobre isto, Abramo (1997) afirma que as ações dos jovens foram quase sempre vistas como ações inconsequentes e desvairadas, imediatistas, desvinculadas de uma dimensão de projeto e de finalidade. Não é a toa que atualmente, é muito marcante a imagem dos jovens que assustam e ameaçam a integridade social; são vistos com medo e com perplexidade pela sociedade. Nessas interpretações e/ou abordagens parece existir uma certa dificuldade em considerar os jovens como sujeitos propositivos.

O grupo trouxe outras ideias sobre como lidar com **pássaros jovens língua de fogo** no momento em que uma das copesquisadoras disse:

*Eu acho que a questão que o jovem tem mais dificuldade é na questão da sexualidade envolvendo como um todo. (JUKINHA)*

Sobre isso, o grupo problematizou:

*Acho que a sexualidade deveria ser conversada era com o pai mesmo, porque o início está aí, nem todo pai e nem toda mãe se abre, porque já vem lá de trás, eles dizem: Porque meu pai e minha mãe não conversaram comigo, eu não sei como conversar com meus filhos. (PEACE)*

*Os jovens só falam sobre sexualidade quando estão na escola ou então quando conversam com as amigas. (FELICIDADE)*

*Se é um aluno do primeiro ano, ele não vai ter intimidade de conversar com outros jovens, ele quer uma pessoa adulta para conversar. O jovem quer conversar com um adulto, ele só tem é vergonha. (JUKINHA)*

*É porque o jovem tem medo de falar o que está acontecendo e levar uma bronca [...]. Diz: não vou conversar com um adulto porque vem briga, vou conversar com o jovem que entende mais, aí ensina as coisas erradas ou então as coisas certas. (risos). (FELICIDADE)*

*A gente queria conversar dos problemas do dia a dia [...]. Acho que isso já dá uma aproximação maior pra você conversar sobre sexualidade, drogas, namoro, álcool, essas coisas. Acho que deveria ter essa aproximação, porque hoje em dia os pais só pensam em trabalhar e dar um futuro para o filho, só que não pensa que tem que ter aquela intimidade com o filho primeiro pra fazer com que a pessoa seja melhor e não só tenha com o que sobreviver, o que comer[...], essas coisas. (PEACE)*

Conforme os relatos, a sexualidade aparece como uma problemática ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, pois para esses jovens a sexualidade deveria ser conversada com os pais. Além disso, deveria ter uma aproximação maior dos pais com os jovens para que eles pudessem conversar sobre sexualidade, drogas, namoro, álcool e outros assuntos.

É possível entender, no momento em que os copesquisadores disseram que os pais só pensam em trabalhar e em dar um futuro para o filho, que essa falta de aproximação dos pais com os filhos pode ser em consequência dos tempos modernos, nos quais pais e mães se desdobram em longas jornadas de trabalho. Esses jovens também comentaram que o problema já vem “lá de trás”, ou seja, os pais não

conversam com os jovens porque não sabem como fazer isso, uma vez que não tiveram conversas como essas com seus pais. Dessa forma, percebemos que essa falta de aproximação pode ser em consequência de um distanciamento entre as gerações, onde permanece a ideia de transferência de saberes de pais para filhos, onde o que não é aprendido, não é posteriormente ensinado.

Sobre isso, Pais (2012, p. 29) comenta:

Se em épocas anteriores ressaltava um aparente distanciamento entre as gerações, hoje questiona-se a relativa dissolução de vínculos de respeitabilidade entre pais e filhos que se traduz, em alguns casos, por uma falta de controle educativo. Discute-se mesmo o abandono a que os filhos são relegados, não porque não sejam amados, mas, simplesmente, porque não são devidamente acompanhados. É a problemática dos chamados “pais ausentes”, por deixarem os filhos demasiadamente à solta.

Nesse contexto, os copesquisadores disseram que os jovens só falam sobre sexualidade quando estão na escola ou então quando conversam com os amigos. No entanto, alguns não têm com quem se “abrir”, porque se o jovem é um aluno do primeiro ano, ou seja, recém-chegado na escola, ele não tem intimidade de conversar com outros jovens. Esses jovens afirmaram que querem conversar com um adulto, porém eles têm vergonha, medo de falar o que está acontecendo, medo da reação do adulto, porque esse, em vez de compreender ou tentar ajudá-los, dão broncas. Desse modo, os jovens justificam que conversam sobre sexualidade e outros assuntos com outros jovens porque esses entendem mais. É interessante notar que os copesquisadores ao dizerem que os amigos podem ensinar coisas erradas ou certas, demonstraram saber o risco de obter orientações erradas ao conversarem com outros jovens.

Durante a contra-análise, alguns copesquisadores disseram que fizeram “*uma viagem muito boa, calma, tranquila e senti sono, paz. Achei que estava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para outro pensando na tranquilidade, como é que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade*”. Quando questionados sobre em que sentido a vida de um jovem é intranquila? Os copesquisadores retomaram a problemática da sexualidade ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**. Sobre isso, disseram:

*Acho que a culpa é dos pais que não conversam sobre sexualidade em casa, aí depois vem um amigo na escola e diz: ei tu sabe disso?* (PEACE)

*Quando os pais da gente vem conversar, faz tempo que a gente está sabendo, já é passado, já tem é outro nome pra aquilo dali.* (FELICIDADE)

*Às vezes já sabe mais que o próprio pai.* (LAURA)

Conforme os relatos, para a copesquisadora Peace, a vida de um jovem é intranquila por *culpa dos pais que não conversam sobre sexualidade em casa*, deixando os filhos a mercê das informações dadas por outros jovens, que como o grupo afirmou, podem ser certas ou erradas. É interessante notar que anteriormente, quando o grupo discutiu o confeto **pássaros língua de fogo**, essa copesquisadora afirmou que os pais dizem que não conversam com os filhos porque

*Os pais dizem: não vou conversar porque já sabe mais que eu, às vezes a pessoa nem sabe.* (PEACE)

Para Peace, talvez os pais não conversem com os filhos porque pensam que eles já sabem sobre sexualidade, no entanto, para esta copesquisadora às vezes o filho nem sabe. De modo diferente, para as copesquisadoras Felicidade e Laura, quando os pais vêm conversar com eles, faz tempo que eles já estão sabendo, às vezes já sabem mais que o próprio pai.

Nesses casos, percebemos que talvez até exista a tentativa dos pais em conversar com os filhos, porém em tempos que não estão de acordo com a necessidade dos jovens. Ao invés de conversarem com antecedência sobre assuntos como sexo e sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e outros, os pais conversam após esses jovens terem feito suas próprias descobertas e escolhas.

De modo diferente, houve jovens que sobre a **Relação com os Pais e Adultos** trouxeram ideias sobre quais as situações a vida do jovem pode ficar confusa e estranha elencando as mudanças do corpo como problema ao dizerem:

*A gente não muda tanto em relação à cabeça, eu acho que é confuso porque muda muito o corpo e os pais que é quem sabe das coisas pra falarem pra gente, às vezes não conversam muito, eu acho meio confuso.* (PEACE)

Nesse contexto, ao dizer que *o corpo muda, mas a cabeça fica "lá atrás"*, ou seja, muitas transformações ocorrem no corpo e poucas mudanças psicológicas, esta copesquisadora levanta uma ideia que de certo modo é diferente da ideia usual presente na sociedade de que junto ao desenvolvimento físico do jovem uma série de mudanças psicológicas ocorre. O relato dessa copesquisadora me fez pensar que de fato, as mudanças no corpo e psicológicas não acontecem necessariamente de forma linear, nem sempre uma acompanha a outra na mesma velocidade, ou seja, as mudanças do corpo e da mente podem se passar em tempos diferentes na vida de um jovem, inclusive gerando nele um comportamento que pode diferir daquele que é esperado pela sociedade.

Durante a contra-análise, após mencionarem as situações em que a vida do jovem fica confusa e estranha, realçando a problemática das transformações do corpo na **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, fizemos o seguinte questionamento: Que tipo de emoções os jovens sentem diante dessas situações confusas e estranhas? Sobre isto, os jovens responderam:

*Emoções? Eu fico é zangado quando meus pais não deixam sair, depois vem as indiretas, todo mundo vai, só quem não vai sou eu. (CHRIS ROCK BLUE)*

*Se prender em casa fica com raiva, aí diz: rapaz, na próxima vez que eu sair eu vou chegar é tal hora, se for pra eu chegar meia noite eu vou chegar é 2 horas, aí é pior. (FELICIDADE).*

Nesses relatos, os copesquisadores afirmaram que quando os pais não deixam os filhos irem à festa, eles ficam zangados, fazem indiretas aos pais dizendo que todo mundo vai, só quem não vai é ele e se prender em casa, o jovem fica com raiva e diz que na próxima vez que for sair, se for para ele chegar à meia noite, ele vai chegar às 2 horas, ou seja, quando contrariados pelos pais, os jovens manifestam sentimentos negativos e reagem fazendo indiretas e quebrando regras. Nesse caso, realçam a problemática da **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, problemas intergeracionais que estariam também problematizando um **Jeito de Ser Jovem** que se rebela em relação às normas, mostrando inclusive a quebra da imagem estabelecida quando anteriormente questionamos: esses jovens estariam docilizados? Nesse momento, talvez o questionamento a ser feito seja: esses jovens seriam rebeldes?

Diante da mesma pergunta que originou esta discussão: Que tipo de emoções estas situações trazem para o jovem? Percebi que as copesquisadoras Jukinha, Elena, Peace e Trapinho acabaram retomando uma discussão aberta anteriormente sobre como lidar **com pássaro jovem língua de fogo**, pois a copesquisadora Jukinha afirmou que os pais precisam colocar limites, deixar sair, mas estabelecer o horário de voltar e se o filho não chegar no horário, não deixá-lo ir na próxima vez, e conclui que a mãe dela faz isso. A copesquisadora Elena complementa dizendo que acha que é isso que acontece, por sua vez, a copesquisadora Trapinho também pensa dessa forma e acrescenta que é só uma forma de proteger, mas é claro, tem que deixar o jovem sair, mas impondo limite. De modo diferente, para a copesquisadora Peace, os pais precisam conversar, não devem bater, tirar as coisas, nem colocar de castigo, e sim conversar, porque todo jovem entende uma conversa. Desse modo, os jovens ressaltam a importância dos limites e do diálogo entre pais e filhos.

Assim, como os jovens desta pesquisa, a filósofa e psicanalista Viviane Mosé, no vídeo **O que podem os afetos**, também mostra a importância dos limites na formação das pessoas, entretanto, chama atenção ao fato de que o problema é que os limites em nossa sociedade se tornaram mais importantes do que a própria a vida. Senão vejamos:

[...] criamos na nossa sociedade o número de limites que não se justificam em relação à vida e que não existem como meios para atingir a própria vida. Os limites passaram a ser a finalidade e não o meio. Não é possível viver sem limites, deveríamos amar os limites porque eles nos permitem organizar esse caos que somos. Nós somos um fundo caótico de afetos, de intensidades que buscam se significar, aparecer, se manifestar. (O QUE, 2009).

Nos relatos dos copesquisadores, a pergunta mencionada anteriormente e elaborada a partir dos relatos da viagem ao corpo jovem: Em que sentido a vida de um jovem é intranquila? Originou discussões diferentes, pois nesse momento, os jovens demonstraram a **Problemática dos Jovens em Relação aos Estudos** ao dizerem:

*Fazer o Ensino Médio junto com o curso Técnico em Enfermagem é uma intranquilidade, porque no momento que você está na sala de aula você tem que prestar atenção, porque quando você vai estagiar você está lidando com uma vida, então você não pode fazer nada de errado. (JUKINHA)*

*Ao mesmo tempo em que você lida com o Técnico você tem a preocupação com o Ensino Médio e o Ensino Médio não é moleza, os dois ao mesmo tempo, cai semana de prova global, semana de prova no Técnico e estágio a noite, aí lasca! (AÇUCENINHA)*

Percebemos que esses jovens se preocupam com o Curso Técnico em Enfermagem, reconhecendo a responsabilidade que precisam assumir por terem que lidar com vidas. Em relação à preocupação com o Ensino Médio, ela ocorre principalmente em função do desejo que esses copesquisadores têm de passar em um vestibular, conforme ratifica a copesquisadora em seu relato:

*A gente quer voar para o alto e avante! (risos). O alto são nossos objetivos que falamos. Até passar no vestibular, só se fala em vestibular (risos). (ELENA)*

Os jovens também trouxeram outras **Problemáticas em Relação aos Estudos** ao mencionarem suas dificuldades no curso Técnico em Enfermagem, entre elas: ter que falar de problemáticas de jovens para outros jovens, em especial no momento dos estágios, ocasião em que eles tinham que ser **jovens adultos** para outros jovens, conforme os relatos:

*A gente ficava sério, tentando ser sérios, explicando as coisas e eles ficavam com gracinha. (FELICIDADE)*

*Por a gente ser jovem também, eles não tinham tanto respeito pela gente. (ELENA)*

*Eles ficavam dizendo: já sei essas besteiras aí, nadinha, nem sabia! (FELICIDADE)*

*Eles pensaram que por a gente ser jovem, a gente não ia falar aquele tanto de coisa, aí já chegava a Rita e a Jeovalda, alunas da subsequência que têm mais idade, começavam a falar, aí eles já ficavam mais calados, prestavam mais atenção.*

Tais relatos demarcam uma problemática significativa para esses jovens na sua formação. Como falar para jovens sendo jovens também? Percebemos que essa dimensão envolve a questão do poder de falar: Quem pode falar? Observamos a importância do exercício da fala e da escuta, tão necessárias para o estabelecimento da

segurança, da autonomia e da cidadania desses jovens. A coragem para falar, indica que falar não é algo natural, mas produzido socialmente e baseado na divisão: senhores-escravos, senhores-súditos, dirigentes-cidadãos, dentre outros. De acordo com Clastres “Falar é antes de tudo, deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar” (1989 *apud* ADAD, 2012, p. 409). Nesse caso, para esses jovens talvez os senhores – aqueles que podem falar – sejam os adultos, o que pode ser confirmado quando esses jovens afirmam que quando as alunas do curso Técnico em Enfermagem adultas falavam, os jovens ouvintes ficavam mais calados, prestavam mais atenção ou ao dizerem que

*Mas naquele caso ali, era para ser uma conversa formal de um adulto com o jovem. (ELENA)*

Ainda segundo Clastres, a marca primordial das sociedades baseadas na divisão é

[...] o fato irreduzível de um poder destacado da sociedade global, pelo fato de que somente alguns membros o detêm; de um poder que, separado da sociedade, se exerce sobre ela, e, se necessário, contra ela. Por isso, nessas sociedades, há uma aliança entre palavra e poder, em que os súditos estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Neste caso, o homem do poder é não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima, porém palavra empobrecida, porque se chama ordem, apenas um fala e deseja somente a obediência do executante. (1989 *apud* ADAD, 2012, p. 410).

Talvez por isso os jovens desta pesquisa pensem sobre o poder da fala e da escuta. Altoé (1990 *apud* ADAD, 2012, p. 410) em sua pesquisa etnográfica com crianças internas em instituições fechadas fala do mutismo imposto a elas, em sua socialização. Nos espaços institucionais aprende-se a calar porque falar é fonte de palavra chamada ordem, apenas um fala. A autora afirma que:

Quando a criança começa a falar e a se expressar, aprende logo que, ‘não tem voz’, que o que ela fala não é considerado para que se possa manter a ordem no funcionamento e ter condições de trabalho. E para que o atendimento seja dado a todos, a disciplina se impõe como uma necessidade inquestionável tanto para as crianças como para os funcionários.

Não é à toa, que os jovens copesquisadores relataram que embora os jovens para os quais eles falavam das problemáticas não tivessem dado atenção, na opinião deles, o jovem prefere ouvir a outro jovem porque é mais fácil de entender e porque o adulto quando fala é brigando. Conforme os relatos:

*Jovem presta mais atenção em outro jovem falando do que em um adulto. (AÇUCENINHA)*

*O adulto fala o tempo todo, quando você vê o jovem falando desses assuntos sem ser com gracinha ele fala de uma forma que a gente entende, não é que nem um adulto, o adulto fala, mas é brigando. (PEACE)*

*Eu prefiro ouvir outro jovem, porque é mais fácil de entender. (PEACE)*

Segundo Adad (2012, p. 410), quando o jovem

[...] chama atenção para a coragem de falar, realça a violência existente em nossa sociedade, especificamente dentro das instituições, ao não permitir a sua fala [...], quando diz que não fala porque é muda. E essa mudez se dá pelo medo do olhar do outro que é poderoso, a ponto de calar sua voz ao indicar prescrições de como o corpo deve 'falar certo'.

A autora supracitada realça ainda que

[...] a importância de inserir em nossas instituições em especial em nossas escolas, momentos de convivência em que os seus alunos, crianças, adolescentes e jovens possam inventar dispositivos que potencializem seus corpos, ganhem visibilidade ao serem ouvidos e respeitados em seus desejos. (ADAD, 2012, p. 411).

Desse modo, os copesquisadores nos permitiram perceber e conhecer jeitos de ser jovem e as problemáticas dos jovens dos alunos do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ ampliando nossos olhares e conhecimentos. Nesse sentido, buscamos contribuir para o debate sobre o tema "o que é ser jovem", reconhecendo também nossas limitações ao priorizar as duas linhas do pensamento que iam de encontro aos nossos objetivos, quando na verdade, também existiram outras.

Assim, percebemos que a Sociopoética e as atividades desenvolvidas durante as oficinas sociopoéticas propiciaram um espaço para o surgimento de potências no grupo evidenciadas na produção dos confetos. Esta produção de confetos e sensações nos conduziu a duas linhas do pensamento que nos possibilitaram alcançar dos nossos objetivos: **Jeitos de Ser Jovem e as Problemáticas sobre Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ.**

Na linha **Jeitos de Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ**, os copesquisadores problematizaram a dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, mostrando que não há um único modo de ser jovem e nem de se tornar adulto. Demonstraram **Jeitos de Ser Jovem em bando**, trazendo a ideia de grupo, das sociabilidades, presentes nas amizades, nas festas, no excesso. Problematizaram, de modo heterogêneo os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar e observamos que existe uma fluidez nas relações entre esses jovens. Sobre os critérios para selecionar uma pessoa para beijar, alguns jovens levam em consideração a aparência e a conversa, mas outros consideram esses critérios insuficientes e se interessam pela afinidade e convivência. Identificamos um **Jeito de Ser Jovem feminino** diferenciado do que era habitual em tempos passados, pois ficou visível o protagonismo das jovens nos jogos de sedução. Embora tenham dúvidas sobre os namoros e perguntem para os pais ou amigos, esses jovens afirmaram autonomia ao tomar suas próprias decisões. Os copesquisadores também mostraram um **Jeito de Ser Jovem** problematizando o tempo e a liberdade.

A segunda linha, **As Problemáticas dos Alunos sobre Ser Jovem**, se apresentou em duas dimensões: **Relação dos Jovens com os Pais e a Relação dos Jovens com os Estudos**. Na primeira dimensão, os jovens levantaram a importância da confiança para que os pais possam lidar com os jovens rebeldes. Trouxeram à tona a ideia de que a rebeldia não é uma característica de todos os jovens. A sexualidade apareceu como uma problemática ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, pois para esses jovens a sexualidade deveria ser conversada com os pais. Além disso, para eles, deveria ter uma maior aproximação dos pais com os jovens para que estes pudessem conversar sobre sexualidade, drogas, namoro, álcool e outros assuntos.

Os copesquisadores disseram que querem conversar com um adulto, mas têm medo, porque estes em vez de compreender ou tentar

ajuda-los, dão broncas. Desse modo, os jovens justificam que conversam sobre sexualidade e outros assuntos com outros jovens porque estes entendem mais, no entanto ao dizerem que os amigos podem ensinar coisas erradas ou certas, demonstraram saber o risco de obter orientações erradas ao conversarem com outros jovens. Percebemos que talvez até exista a tentativa dos pais em conversar com os filhos, porém em tempos que não estão de acordo com as necessidades dos mesmos, pois conversam após esses jovens terem feito suas próprias descobertas e escolhas.

Na **Problemática dos Jovens em Relação aos Estudos**, evidenciamos que esses jovens se preocupam com o Curso Técnico em Enfermagem, reconhecendo a responsabilidade que precisam assumir por terem que lidar com vidas. Em relação à preocupação com o Ensino Médio, ela ocorre principalmente em função do desejo que esses copesquisadores têm de passar em um vestibular. Os jovens trouxeram outras **Problemáticas em Relação aos Estudos** ao mencionarem suas dificuldades no curso Técnico em Enfermagem, entre elas: ter que falar de problemáticas de jovens para outros jovens, o que causava intranquilidade.

Diante dessas linhas, percebemos que o grupo de jovens demonstrou saber suas problemáticas muito mais do que qualquer livro que trate sobre as juventudes e suas problemáticas, o que também demonstra a força da pesquisa sociopoética que se encontra, em especial, na intensa capacidade de provocar o estranhamento e fazer o grupo pensar de outros modos menos assujeitados.

Esse trabalho nos permitiu conhecer e adentrar em parte do universo pretendido, interferindo diretamente em nossas práticas enquanto professoras desta instituição de ensino, o que nos faz destacar ainda, a importância da realização dessa pesquisa para a Educação, para os professores que assim como nós, lecionam para jovens, uma vez que o trabalho com esses grupos significa também uma compreensão de suas problemáticas e a busca de estratégias que abordem suas potencialidades visando com isso o aumento de suas possibilidades de produção de vida. Também possibilitou a oportunidade de reflexão sobre nossos próprios (pre)conceitos em relação ao ser jovem, conceitos estes muitas vezes cristalizados numa sociedade que raramente leva em consideração a voz de quem mais entende sobre si mesmo e suas problemáticas, ou seja, do próprio sujeito que tem a experiência e vivencia a juventude. Nossa intenção foi de provocar

movimento, induzir a descristalização e abrir possibilidades para que outras pessoas também se interessem pelo tema em questão.

## Referências

ABRAMO, Helena W. O estilo monta o espetáculo. **Cenas Juvenis: Punks e Darks nos espetáculos urbanos**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, mai./jun./jul./ago. 1997; n. 6, set./out./nov./dez. 1997.

ADAD, Shara Jane H. C. **Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Ed. UFC, 2011.

ADAD, Shara Jane H. C. Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre o corpo e as violências, em Teresina. In: MENDES, Bárbara Maria Macêdo; CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. **Pesquisa em Educação: múltiplos referenciais e suas práticas**. v. II. Teresina: EdUfpi, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Ed. USP, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Agregação de juventude: múltiplos olhares. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves: **Juventudes, Culturas de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Ed. UFC, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. Zygmunt Bauman: Compreender a vida na modernidade líquida. **Revista Educação Autores e tendências**. São Paulo, v.1, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 4.

GAUTHIER, Jacques. Trilhando a Vertente Filosófica da Montanha Sociopoética: a criação coletiva de confetos. In: \_\_\_\_\_. **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: aplicação da abordagem sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2004.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens**

I: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MELUCCI, Alberto. **Il gioco dell'io**. Milão: Saggi/Feltrinelli, 1992.

O QUE podem os afetos. Café Filosófico com Viviane Mosé e Nelson Lucero. São Paulo, CPFL Cultura, 2009. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2009/11/19/integra-o-que-podem-os-afetos-viviane-mose-e-nelson-lucero/>>. Acesso: 13 fev. 2013.

PAIS, José Machado. **Sexualidade e Afectos Juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

SHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: Rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVEIRA, L. C. **Do corpo sentido aos sentidos do corpo: sociopoetizando a produção de subjetividade**. Programa de pós-graduação em enfermagem, 2004. 169f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade Federal do Ceará – UFC, 2004.

SPOSITO, Marília P. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.